

GRAVURA RADICAL

Rosa Esteves, que expõe neste ano no Japão, usa espaços públicos como a galeria de suas gravuras

Por Katia Canton

Esta Rosa Esteves imprimindo sua marca na gravura, e especificidade nasce logo entre uma criação quase intuição os mais diversos para fazer suas a escolha de espaços públicos como o privilegiado para Formada em artes plásticas e com posição em museologia, o projeto mais recente reúne elementos e temas marítimos expostos nas praias.

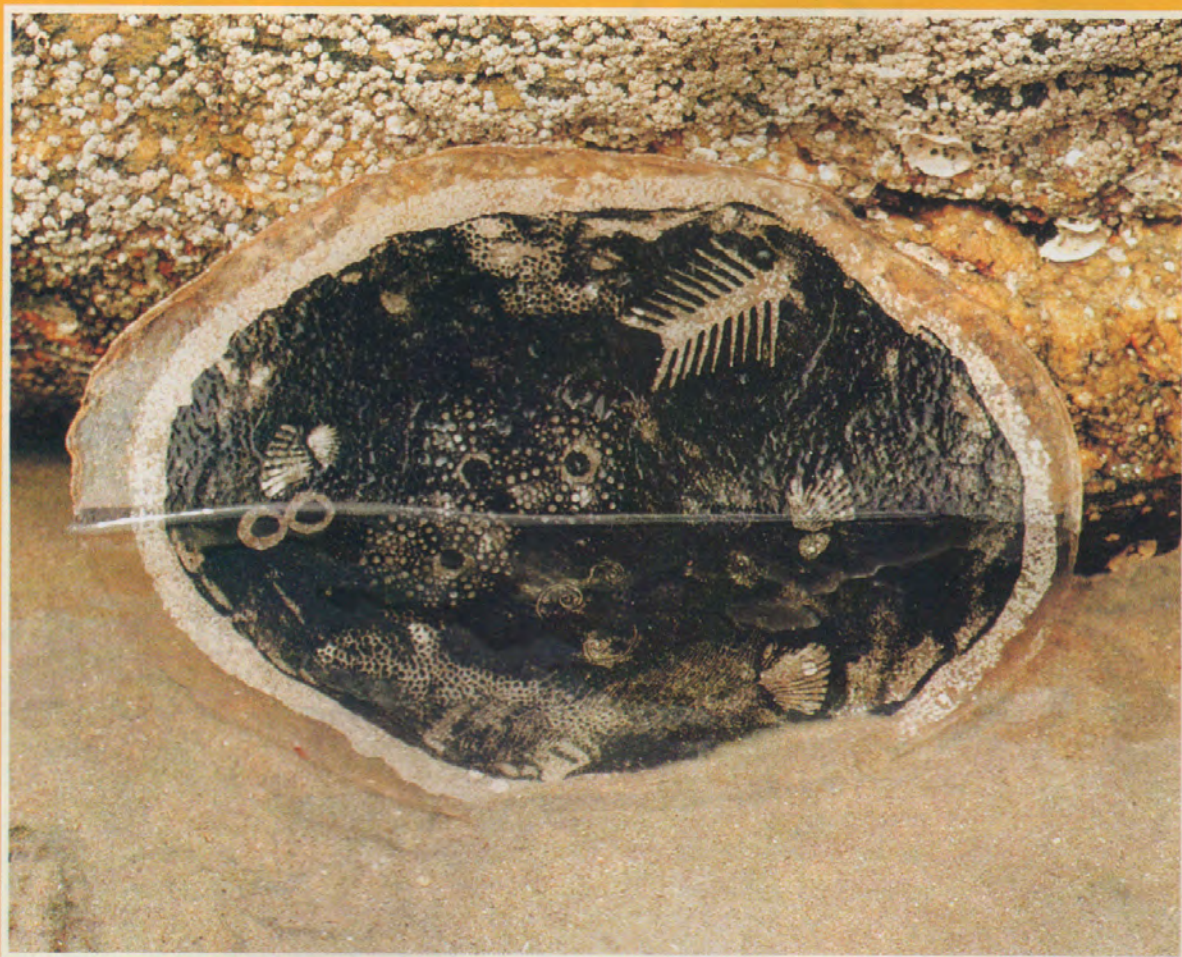
"Projeto-praia", que nasceu em Guaecá, no litoral norte de São Paulo, e que deverá ter sua inauguração neste mês, em Guarabastião, consiste numa coleção de pequenas gravuras texturizadas, feitas a partir de uma

matriz de argila, onde são impressas formas retiradas da própria natureza, como conchas, estrelas-do-mar, caracóis e mexilhões. As matrizes depois dão origem às gravuras feitas com papel de seda, que capta formas, sutis e delicadas da mão. As formas finais são quase transparentes e resistem às intempéries. As peças são fixadas perto das pedras sobre os rochedos e suas resacas. O resultado é uma mostra quase invisível. "As formas cria-

das mimetizam as formas da natureza. Isso dá leveza ao que é feito. Mas as pessoas percebem algo diferente no ambiente", diz Rosa.

Se a praia é a "galeria" privilegiada para a inspiração e a matéria que Rosa Esteves tira do mar, não é a única. A convite da Fundação Japão, o mesmo projeto deverá adaptar-se a uma grande plantação de arroz, em Senday, no norte do Japão. A artista prepara, para os meses de setembro e outubro, gravuras também com formas marinhas, com uma dimensão de um metro quadrado, para instalar no meio de um arrozal.

Acima, peça que integra o "projeto-praia", exposta em Guaecá, da artista Rosa Esteves (abaixo)



Rosa tem feito ainda outras experiências com gravura. Chega a usar a si mesma como molde. Faixas de gaze engessadas são aplicadas em pequenas partes de seu corpo. Quando retiradas, formam um tecido de texturas, negativos do molde. É uma das ousadias de uma artista que dedica boa parte de seu tempo à pesquisa, cuidando do acervo fotográfico do museu e de matrizes de gravuras de Lasar Segall. "No museu Lasar Segall, vejo estudos, coisas que ninguém nunca vê. Eu mesma posso imprimir suas matrizes", diz ela.

GRAVURA RADICAL

Rosa Esteves, que expõe neste ano no Japão, usa espaços públicos como galeria de suas gravuras, por Kátia Canton

A artista Rosa Esteves vem imprimindo sua marca pessoal na gravura, e essa especificidade nasce do diálogo entre uma apropriação quase intimista dos mais diversos materiais para fazer suas obras e a escolha de espaços públicos como lugar privilegiado para expô-las. Formada em artes plásticas com pós-graduação em museologia, seu projeto mais recente reúne elementos e símbolos marítimos expostos nas praias.

O “projeto praia”¹, que ela iniciou em Guaecá, no litoral Norte de São Paulo, em 1997, e devera ter continuidade neste mês, em São Sebastião, consiste em uma coleção de pequenas peças texturizadas, realizadas a partir de uma matriz de argila, onde são impressas formas retiradas da própria natureza, como conchas, estrelas-do-mar, caramujos, peixes. As matrizes depois dão origem a gravuras feitas em papel de arroz finíssimos, que capta formas, sulcos, gestos da mão. As formas finais são resinadas e assumem o aspecto de um a pele transparente e resistente. Prontas as formas, Rosa Esteves utiliza as praias como galerias de arte abertas. As peças são fixadas perto das águas ou sobre os rochedos e suas reentrâncias. O resultado é uma mostra sutil, quase invisível. “As formas criadas mimetizam as formas da natureza. Isso dá leveza ao que é feito. Mas as pessoas percebem algo diferente no ambiente”, diz Rosa.

Se a praia é a “galeria” privilegiada para a inspiração e a matéria que Rosa Esteves tira do mar, não é a única a convite da Fundação Japão, o mesmo projeto deverá adaptar-se a uma plantação de arroz, em Senday, no norte do Japão. A artista prepara, para os meses de setembro e outubro, gravuras também com formas marinhas, com dimensão de um metro quadrado, para instalar no meio de um arrozal².

Rosa tem feito ainda outras experiências com gravura. Chega a usar a si mesma como molde. Faixas de gaze engessadas são aplicadas nas partes de seu corpo. Quando retiradas, formam um tecido de texturas, negativo do molde. É uma das ousadias de uma artista que dedica boa parte de seu tempo à pesquisa, cuidando do acervo fotográfico do museu e de matrizes de gravuras de Lasar Segall. “No museu Lasar Segall, vejo estudos, coisas que ninguém nunca vê. Eu mesma posso imprimir suas matrizes”, diz ela.

¹ Posteriormente denominado **Projeto Fractus Brasil**

² Este projeto não infelizmente foi realizado